



**CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE**

**HELDER LEITE DE MELO**

**A IMORTALIDADE DA ALMA NO FÉDON DE PLATÃO**

**CANOAS, 2010**

HELDER LEITE DE MELO

**A IMORTALIDADE DA ALMA NO FÉDON DE PLATÃO**

Trabalho de conclusão apresentado à banca examinadora do Curso de Filosofia do Unilasalle – Centro Universitário La Salle, como exigência parcial para à obtenção do grau de Licenciado em Filosofia, sob orientação do Prof. Me. Gilmar Zampieri.

CANOAS, 2010

HELDER LEITE DE MELO

**A IMORTALIDADE DA ALMA NO FÉDON DE PLATÃO**

Trabalho de conclusão aprovado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Filosofia do Centro Universitário La Salle – Unilasalle, pelo avaliador:

Prof. Me Gilmar Zampieri  
UNILASALLE

Canoas, Novembro de 2010

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço a todos que contribuíram com sua confiança, paciência e companheirismo durante o processo de gestação deste trabalho e durante a minha formação acadêmica.

Ao meu orientador, Prof. Me Gilmar Zampieri pela atenção e motivação, aos professores e colegas do curso de Filosofia pelo carinho e o acolhimento que contribuíram em muito para o meu crescimento acadêmico.

Também reservo um profundo agradecimento a Talita, minha companheira, pelo apoio e paciência, ao Marçal pela imensa amizade, carinho e ajuda fundamental ao longo de todos estes anos.

Enfim, agradeço aos meus familiares, colegas e a todos que de alguma forma caminharam junto comigo nesta minha formação acadêmica.

## RESUMO

A presente monografia tem como objetivo o estudo imortalidade da alma no Fédon de Platão. O problema central está na afirmação de ser a alma imortal. Para justificar tal afirmação Platão fundamenta seus argumentos em concordância com a teoria das idéias e convicções mítico-religiosas. Na dissertação constarão os seguintes argumentos: o argumento dos contrários, da reminiscência, da afinidade com as idéias e o argumento da alma como idéia de vida.

**Palavras-chaves:** Platão. *Fédon*. Imortalidade da alma. Teoria das Idéias.

## ABSTRACT

The present monograph takes as an objective the study immortality of the soul in Fédon of Platão. The central problem is in the affirmation of being the immortal soul. To justify such an affirmation Platão it bases his arguments on agreement religious-mythical with the theory of the ideas and convictions. In the dissertation will be the next arguments: the argument of the opposite ones, of the reminiscence, of the affinity with the ideas and the argument of the soul as idea of life.

**Words-keys:** Platão. *Fédon*. Immortality of the soul. Theory of the Ideas.

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	07
2	<b>A CONCEPÇÃO DA ALMA ANTES DE PLATÃO</b> .....	10
2.1	<b>A Concepção de Alma no Orfismo</b> .....	10
2.2.	<b>A concepção de Alma nos filósofos da natureza</b> .....	12
2.2.1	Tales de Mileto.....	13
2.2.2	Anaxímenes.....	13
2.2.3	Heráclito de Éfeso.....	14
2.2.4	Pitágoras e os Pitagóricos.....	15
2.2.5	Empédocles de Agrigento.....	16
3	<b>A CONCEPÇÃO DA ALMA NO FÉDON DE PLATÃO</b> .....	18
3.1	<b>A Purificação da Alma</b> .....	18
3.2	<b>A Relação entre corpo e alma no Fédon</b> .....	20
3.3	<b>A Segunda Navegação</b> .....	22
4	<b>A IMORTALIDADE DA ALMA NO FÉDON</b> .....	26
4.1	<b>As Provas Da Imortalidade Da Alma No Fédon</b> .....	27
4.2	<b>O Argumento dos Contrários</b> .....	28
4.3	<b>O Argumento da Reminiscência</b> .....	30
4.4	<b>O Argumento da Afinidade</b> .....	32
4.5	<b>O Argumento da Participação da Alma como Idéia de Vida</b> .....	33
5	<b>CONCLUSÃO</b> .....	39
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	41

## 1 INTRODUÇÃO

Geralmente, questões importantes que tratam de assuntos relacionados à morte ou o além da vida na história da humanidade, têm sido explicadas através de crenças religiosas. Entretanto na Grécia, por volta do século VI a.c, alguns pensadores passaram a substituir os argumentos religiosos por argumentos racionais para fundamentar e tentar entender a realidade e, ainda, os mistérios em torno do fenômeno da morte.

O presente estudo visa analisar os argumentos platônicos no *Fédon*, sobre a imortalidade da alma<sup>1</sup>. Algumas questões importantes sobre o tema são as seguintes: Que é a alma? Quais argumentos são utilizados na tentativa de provar sua imortalidade? Como são fundamentadas as relações estruturais entre o corpo e a alma?

O problema de provar que a alma é imortal no *Fédon* tem um aspecto antropológico importante pelo fato do conceito de alma estar diretamente relacionado com o conceito de homem, ou seja, para Platão, o verdadeiro Sócrates é a alma de Sócrates que continuará a viver após seu desenlace do corpo.<sup>2</sup> Platão<sup>3</sup> fundamenta a existência de uma alma imortal na metafísica, isto é, na doutrina do

---

<sup>1</sup> O conceito criado pelos gregos, que se impôs como um eixo de sustentação de todo o pensamento ocidental, é o de *psyché*, alma. Trata-se de um conceito extremamente complexo e, sob certos aspectos, de um dos vértices absolutos da filosofia antiga (junto com os conceitos de Ser e Um). Cf. REALE, G. **Corpo, Alma e Saúde: O Conceito de homem de Homero a Platão**. São Paulo: Paulus, 2002 p.12.

<sup>2</sup> Nesse caso, o homem não é o seu corpo, mas a sua alma, e a tarefa suprema que o homem deve desenvolver, para ser *verdadeiro homem*, consiste no cuidado da alma, porque ela é a verdadeira fonte de vida e movimento, enquanto o corpo é apenas um instrumento pelo qual se serve. O corpo é *próprio* do homem, mas não é o *si próprio* do homem. Cf. REALE, 2002, p. 150.

<sup>3</sup> Filho de Aristo e de Perictona de Atenas, pertencentes a uma das mais prestigiosas linhagens da aristocracia ateniense, Platão nasceu em 427 a.C. e morreu em 347 a.C. Recebeu a educação tradicional dos jovens aristocratas de Atenas: o ginásio, para a formação do guerreiro belo; a música e os poetas, para a formação do guerreiro bom. Ao mesmo tempo, freqüentou os sofistas para aprender retórica. Segundo alguns, teria sido aluno de Crátilo, discípulo de Heráclito, cujas idéias teria conhecido por meio de seu professor. Aos 20 anos passou a freqüentar o círculo de Sócrates, tornando-se seu discípulo mais importante. Ao realizar sua primeira viagem a Siracusa, Magna Grécia, conheceu os jovens pitagóricos, onde deve ter conhecido o pensamento de Parmênides. Iniciando com os ensinamentos de Sócrates, com o que aprendera de Crátilo e dos pitagóricos, Platão irá, de um lado, ampliar o alcance da dialética socrática para responder à crise do conflito Heráclito-Parmênides e, de outro, atacar como alvo principal os sofistas. Anos depois, os acontecimentos induzem Platão, à medida que amadurece, a desconfiar da política existente e dos políticos, a compreender o papel das leis para que haja uma cidade justa e, sobretudo, a conceber a idéia de que somente a educação filosófica dos governantes poderia salvar a polis. Cf. **Introdução à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles**, vol. 1 - 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p.212-213.

*supra-sensível* e no qual a alma é a dimensão inteligível, imaterial e eterna do homem. A alma humana deve ser capaz de conhecer as coisas imutáveis e eternas, mas, para captar essas coisas, deve ter como condição uma natureza que lhe seja afim, ou, pelo contrário, tais coisas permaneceriam longe do seu alcance, na medida em que sendo elas imutáveis e eternas, também, a alma deverá ser imutável e eterna.<sup>4</sup>

Nosso estudo tem como objetivo problematizar a imortalidade da alma no diálogo *Fédon* de Platão, que aborda a morte de Sócrates, e compõe-se de argumentos em favor da imortalidade da alma. Nesta obra, Platão defende a tese de que a alma sobrevive após a morte e, portanto, que o verdadeiro filósofo deve se preocupar com a morte e o cuidado da alma, pois, a alma é a essência verdadeira do homem.<sup>5</sup>

Todo o tratamento sobre a alma no *Fédon* se relaciona com a questão da sua imortalidade baseadas em três densas provas, das quais é relevante a terceira. Nela, Platão demonstra que a explicação da realidade das coisas dada pelos filósofos pré-socráticos era de caráter puramente físico e que deveríamos superar tal concepção pela esfera da razão para descobrir a verdadeira causa, – a *idéia*, a pura forma - a essência.<sup>6</sup>

O tema se limitará à concepção de alma enquanto fundamentação de imortalidade e afinidade com as *idéias* e, se concentrará nos argumentos em favor da imortalidade da alma. Para Platão, não basta afirmar que o homem é sua alma, mas é preciso estabelecer se essa alma é ou não imortal.

Os demais diálogos platônicos servirão para aclarar alguma *idéia* que tenha ficado incompleta sobre o tema. Portanto, a obra estudada será o *Fédon* – que se constitui e é considerada pelos estudiosos uma obra da maturidade filosófica do

---

<sup>4</sup> Para compreendermos o conceito de *idéias* proposta por Platão temos que nos remeter a metáfora da “segunda navegação” apresentada originalmente no *Fédon* por se constituir como uma das passagens mais famosas e grandiosas dos seus escritos. Cf. REALE, Giovanni, **História da filosofia Grega e Romana**. vol. III, 9 ed. São Paulo: Loyola, 2007, p. 49.

<sup>5</sup> A relação entre corpo e alma é de conflito. A tarefa do filósofo é a de ajudar o máximo possível a alma a desatar os próprios laços com o corpo e a exercitar-se na *morte do corpo*, na medida em que a morte do corpo é apresentada como o correspondente da vida da alma.

<sup>6</sup> Cf. REALE, 2007, p.185.

autor ao manifestar seu pensamento próprio caracterizado pela originalidade e capacidade dialética.

Quanto à estrutura da monografia, no primeiro capítulo abordaremos a concepção de alma antes de Platão e, o caminho proposto impõe uma discussão a partir da antiga tradição Órfica, além dos filósofos da natureza, como Tales de Mileto, Anaxímenes, Heráclito, Pitágoras e Empédocles.

No segundo capítulo trataremos sobre a concepção de alma em Platão, passando pela purificação da alma, a relação que existe entre corpo e alma e a *segunda navegação*.<sup>7</sup> Por fim, no terceiro capítulo, problematizaremos os argumentos em favor da imortalidade da alma: o argumento dos contrários, da reminiscência, da afinidade com as *formas* ou *idéias* e o argumento em que Platão configura a alma como idéia de vida.

O objetivo desse estudo visa o aprofundamento do pensamento original do autor acerca do problema em torno das provas da imortalidade da alma, na medida em que consideramos de extrema relevância, ainda que, receba atualmente pouca incidência na filosofia contemporânea, devido a uma determinada representação da morte como evento natural e biológico. Enfim, o tema é interessante na medida em que no problema da imortalidade e concepção da alma se mesclam as linhas da antropologia e ontologia, da indagação do homem e do sentido do ser.

---

<sup>7</sup> A metáfora da “*segunda navegação*” é importante para a compreensão do mundo das causas e a relação entre a alma e o corpo. Na medida em que a alma se assemelha ao *mundo das idéias* e o corpo ao *mundo sensível* torna-se evidente a relevância da alma sobre o corpo.

## 2 A CONCEPÇÃO DA ALMA ANTES DE PLATÃO

A doutrina da imortalidade da alma em Platão tem várias influências, que vão desde o Orfismo<sup>8</sup>, o pitagorismo<sup>9</sup> e até de alguns pensadores pré-socráticos. Tais influências são fundamentais para a concepção de alma e sua imortalidade no diálogo Fédon. Por um lado há a abordagem mítico-religiosa da doutrina orfíco-pitagórica e, por outro, a preocupação dos filósofos pré-socráticos em explicar a realidade a partir de um princípio. Logo, a doutrina da imortalidade da alma perpassa obrigatoriamente por uma reflexão anterior a Platão sobre o conceito de alma.

### 2.1 A Concepção de Alma no Orfismo

O Orfismo nasceu quase que certamente no século VII a. c. e apresentava essencialmente um novo esquema de crenças e de cultura, numa concepção inédita da natureza e do destino do homem. A nova interpretação da existência humana pelo Orfismo introduziu na cultura europeia atribuições ao homem de um eu oculto e de origem divina - a alma, oposta ao corpo. Nesta concepção dualista, a alma imortal se contrapõe ao corpo mortal além de se configurar como o verdadeiro homem.

No orfismo a alma é concebida como algo divino e não mortal no homem e que habita no próprio corpo e provém dos deuses. A alma é a essência do homem e tem uma natureza antitética à do corpo, na medida em que se torna ela mesma, quando ocorre a morte ao se libertar do corpo. Deste modo, a alma é de origem divina e sua verdadeira vida é no mais-além. Nesse contexto, a nossa alma preexiste e sobrevive ao corpo.

---

<sup>8</sup> Tradição filosófico-religiosa originária do séc. VII a.C., na Grécia antiga, inspirada na figura de mítica de Orfeu, famoso por seus poemas e canções. O orfismo ensina a divindade da alma e a impureza do corpo. A morte é a libertação. O centro de suas preocupações é a vida futura. Cf. JAPIASSÚ, Hilton. **Dicionário básico de filosofia/Hilton**. 4 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed, 2006.

<sup>9</sup> Doutrina da escola fundada por Pitágoras na colônia grega de Crotona, no sul da Itália, tendo grande influência em toda antiguidade.

Pela primeira vez, para Reale,<sup>10</sup> aparece uma nova concepção da natureza e do destino do homem em Píndaro nos documentos literários gregos, quando diz em um dos seus fragmentos que jamais se convenceu de que a alma, enquanto se encontra num corpo mortal, viva e, quando se liberta dele, morra. Mas, com efeito, vê que a alma torna vivos os corpos mortais por todo o tempo em que neles reside. E, ainda, que a alma seja insensível, uma vez separada do corpo, o qual é insensível, pois, quando a alma se separa do corpo, então, livre de toda mistura e pura, é logicamente mais sensível do que antes.

Nesse novo esquema de crenças há uma visão dualista do homem que contrapõe a alma imortal ao corpo mortal, na medida em que a concepção de vida e de morte sofre uma revolução ao exigir uma mortificação do corpo e de tudo o que é próprio do corpo, e uma vida em função da alma e do que é a alma. Essa questão também fica clara conforme um célebre fragmento de Eurípides quando assevera que “quem sabe se o viver não seja morrer e o morrer não seja viver?”<sup>11</sup>

Também é importante destacar na doutrina órfica a crença na metempsicose<sup>12</sup> ao indicar que a alma é prisioneira do corpo por causa de uma culpa originária que deve ser resgatada através de renascimentos e purificações.<sup>13</sup> Isto ocorre porque a alma está no corpo humano como em um cárcere e deverá renascer uma série de vezes para se libertar dessa culpa originária. Além disso, por meio de iniciações e ritos pode purificar-se e adquirir vantagens, seja aqui, seja no além.<sup>14</sup>

Existem razões morais pelas quais as crenças órficas tiveram sucesso quando se trata da reencarnação. Isto se deve ao fato de a antiga crença na hereditariedade da culpa ter se tornado inaceitável pelo ponto de vista moral por se basear na idéia de dever pagar penas por culpa cometidas pelos outros. Ao contrário, a nova perspectiva oferecida pelo Orfismo, indicava que as penas que se

---

<sup>10</sup> REALE, Giovanni, **História da filosofia Antiga**. Vol. I, 2 ed. São Paulo: Loyola, 1993, p. 375.

<sup>11</sup> REALE, 2002, p.112.

<sup>12</sup> Termo de origem grega que significa literalmente a passagem da alma de um corpo para outro.

<sup>13</sup> A purificação é um longo e árduo caminho percorrido pelo homem através da instrução religiosa, da prática do ascetismo, do vegetarianismo e de rigorosa catarse com mortificações austeras, tais como, jejuns, abstenção de carne e ovos.

<sup>14</sup> Portanto, há uma preocupação com a alma individual por sua natureza imutável e origem celeste em razão dela ser o princípio divino que habita o corpo temporariamente.

pagam na terra dependiam exclusivamente das culpas cometidas pela alma de cada homem em vidas precedentes. Ao mesmo tempo, segundo a doutrina órfica, nenhuma das almas que renascem são realmente inocentes.

Mas, uma possibilidade dada pelo Orfismo para alma escapar do cárcere do corpo e alcançar a libertação, estava, por exemplo, em o homem percorrer um longo e penoso caminho através da instrução religiosa, da prática do ascetismo, do vegetarianismo e da rigorosa catarse com mortificações severas. Tais preceitos tinham o objetivo de manter a alma pura e livre dos apetites do corpo. Além disso, os adeptos eram proibidos de matar qualquer animal em decorrência da metempsicose assegurar que todo animal podia ser a encarnação de uma alma.

Outra das mais influentes teses órficas relaciona-se com as punições ou prêmios a todas as almas no além túmulo. De certa forma haveriam punições pelas culpas cometidas ou prêmios em decorrência dos méritos adquiridos pelas almas, sem distinção. O destino do homem estaria ligado intimamente com o seu modo de ser e agir durante a vida na matéria gerando, deste modo, conseqüências boas ou funestas no futuro.

Sem dúvida, a concepção de alma do Orfismo estava reservada a alterar completamente o significado da vida e da morte e, conseqüentemente, o próprio sentido do homem. Enfim, é nessa nova perspectiva que Platão busca provar a imortalidade da alma quando aborda no diálogo Fédon tais influências.

## **2.2 A concepção de Alma nos filósofos da natureza**

Para os filósofos da natureza o problema da alma é tratado sob outro aspecto, distinto em relação à concepção órfica, pelo fato desses filósofos buscarem a explicação do mundo através de um único princípio. Assim sendo, a alma é identificada com o princípio que dá vida e movimento ao corpo e como força vital, além de ser concebida como algo divino por viver na própria *physis*<sup>15</sup>. Quer dizer, a alma e o divino são *physis*. O divino é caracterizado pela inteligência e

---

<sup>15</sup> Natureza. A *phýsis* é o fundo inesgotável de onde vem o Kósmos, e é o fundo perene para onde regressam todas as coisas, a realidade primeira e última de todas as coisas.

ordem, enquanto que a alma é caracterizada pelo princípio de movimento, imanente à *physis*.

Nesta visão cosmológica, o homem é apenas uma parte ou elemento da natureza, na medida em que o corpo é parte e momento do princípio supremo do cosmos. A alma não preserva a sua identidade e, portanto, não há uma preocupação com o homem em sua individualidade. Logo, a alma é vista de modo geral por alguns filósofos da natureza pela razão de não ser considerada como um problema específico que estimule uma investigação. Assim, por exemplo, compreende-se por que a alma é identificada com a água em Tales de Mileto, com o ar em Anaxímenes ou com o fogo em Heráclito.

### 2.2.1 Tales de Mileto

Para Tales de Mileto, a água é o princípio de todas as coisas e do *devenir*<sup>16</sup>, isto é, da mudança. A água é dotada de movimento e transforma a si mesma, em todas as coisas e todas as coisas nela mesma. A água é alma motora do cosmos. Tales considera a matéria primordial e a alma que a move como inseparáveis, na medida em que é o princípio vital no qual todas as coisas são animadas. Conseqüentemente, não há espaço para se pensar em uma imortalidade da alma humana, mas, em uma imortalidade de todas as forças anímicas da natureza, de acordo com a concepção de que a matéria nunca pode existir nem atuar sem alma, nem a alma sem a matéria.

### 2.2.2 Anaxímenes

Segundo Reale<sup>17</sup>, para Anaxímenes, a *phýsis* é o ar, elemento ligado estreitamente à origem de todas as coisas e que é o princípio ontológico que nos rege e nos governa em sentido estrito. Tal princípio é incorpóreo e invisível e

---

<sup>16</sup> O dever –ser das coisas.

<sup>17</sup> Cf. REALE, 2002, p.124-125.

somente pode ser apreendido pelo pensamento. Não é o frio e nem o ar que vemos, mas, sim, o princípio do qual o ar de nossa vida e experiência decorre. Ele torna-se visível através do frio, do quente, do úmido e do seco, entretanto, torna-se invisível quando perfeitamente homogêneo.

Anaxímenes coloca uma identidade de função entre a *arché*<sup>18</sup>, princípio, e a alma quando afirma que nossa alma é o ar que nos domina e que abarca todo o universo. Significa dizer que a alma tem uma capacidade organizadora, como o princípio que nos anima e nos governa, além de manter unidos o nosso corpo e o cosmos. Pois, o mundo é um ser vivo que respira e que recebe do sopro originário a unidade que o conserva.

### 2.2.3 Heráclito de Éfeso

Ainda no domínio dos filósofos pré-socráticos, tem contribuição essencial o conceito de alma aprofundado por Heráclito de Éfeso quando considera a alma como dimensão diversa do corpo e do corpóreo. A alma está intimamente ligada ao fogo cósmico, coincidindo estruturalmente como princípio, com o logos<sup>19</sup> e com a inteligência que governa todas as coisas por meio de todas as coisas.<sup>20</sup>

O sentido da profundidade do logos e da alma é expresso como o que há de mais característico no pensamento de Heráclito, ou seja, que o homem se compõe de alma e corpo. A alma se caracteriza por possuir uma qualidade particular que não diz respeito ao espaço, nem à extensão, embora tenhamos que usar uma imagem espacial para designar esta qualidade espacial. Assim, a alma se estende ao infinito por causa dessa concepção de profundidade na medida em que se contrapõe ao corpo por ser, ela, algo ilimitado.

Ao mesmo tempo, há em Heráclito certos pensamentos de inspiração órfica quanto aos seguintes fragmentos: “Imortais, mortais, mortais, imortais. A vida

---

<sup>18</sup> Princípio, fundamento ou origem. Que está no começo absoluto.

<sup>19</sup> Segundo Chauí, o logos de Heráclito é um pensamento do qual se originam, simultaneamente, o conhecimento e a ação. Cf. **Introdução à História da Filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles, vol. 1 - 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

<sup>20</sup> Diógenes Laércio, **Vidas dos Filósofos**, IX 1 apud REALE, 2002, p. 128.

destes é a morte daqueles e a vida daqueles a morte destes”.<sup>21</sup> E ainda: “O que aguarda os homens após a morte, não é nem o que esperam nem o que imaginam.”<sup>22</sup>

No primeiro fragmento Heráclito exprime a tese órfica segundo a qual a vida no corpo é mortificação da alma e a morte do corpo é vida da alma. Já, no segundo fragmento Heráclito medita sobre os prêmios e castigos da alma depois da morte. Por fim, a filosofia de Heráclito nos remete a novas aquisições conceituais em comparação com seus predecessores por coincidir a alma com o logos e a inteligência, abrindo, assim, novos horizontes.

#### 2.2.4 Pitágoras e os Pitagóricos

A contribuição de Pitágoras e os pitagóricos para o conceito de alma é de significativa importância no que tange a sua imortalidade. Conforme Santos<sup>23</sup>, Pitágoras foi o primeiro dos filósofos a expor sobre a imortalidade da alma individual, não mais no sentido geral como nos filósofos da natureza, mas, sim como algo animado de movimento próprio e manifestação de vida.

Pitágoras assevera que a alma é harmonia. O homem precisa buscar a concordância entre os elementos discordantes existentes na alma, no qual os elementos superiores dominem os inferiores.<sup>24</sup> Assim sendo, a libertação da alma passa a ser um esforço intelectual e humano, na medida em que ao descobrir a estrutura numérica das coisas, a alma se assemelhe ao cosmo harmônico, sustentando-se pela ordem e proporção e livrando-se do seu túmulo - o corpo.

---

<sup>21</sup> Diógenes Laércio apud REALE, 2002, p.129.

<sup>22</sup> Ibid., p.129.

<sup>23</sup> SANTOS, Bento Silva. **A Imortalidade da alma no Fédon de Platão**: Coerência e legitimidade do argumento final. (O.S.B) Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 36.

<sup>24</sup> A questão em torno da alma como harmonia é refutada por Platão no diálogo Fédon quando adverte que se a alma fosse só harmonia de elementos físicos, não se explicariam a virtude e o vício, na medida em que se deveria falar do vício como desarmonia de uma harmonia e da virtude como harmonia de uma harmonia. Dessa forma, como a alma poderia dominar o corpo, se depende dos elementos de que é composta e não poderia dominar aqueles elementos dos quais depende. Cf. REALE, 2002, p.127.

A concepção dada para a alma no pitagorismo confere ao corpo pouca relevância, por considerá-lo apenas como um simples receptáculo no qual a alma, na sua autonomia, se utiliza durante seus renascimentos sucessivos. A alma não tem nenhuma relação com o corpo e a existência terrena do homem é só uma das suas vidas possíveis.

Também, no ser humano, a alma é a parte mais elevada do homem e deve merecer um cuidado todo especial pela sua autonomia perante o corpo. Nessa perspectiva, a meta do homem é libertar a alma através da purificação pela sabedoria e a prática moral. Dessa forma, a alma sendo o aspecto divino do homem, conseguirá se conservar pura no caminho para a perfeição divina.

Enfim, o centro da doutrina pitagórica é a crença na imortalidade da alma. A transmigração da alma é o modo que o homem tem para libertar-se, porque, em cada encarnação, poderá aprender e crescer para livrar-se para sempre do corpo, que é um castigo para ela. Tal doutrina exercerá grande influência em Platão, quando desenvolve no diálogo Fédon, por exemplo, o conceito de purificação da alma para que ela ascenda à sua origem.<sup>25</sup>

### 2.2.5 Empédocles de Agrigento

A reflexão de Empédocles gira em torno do destino da alma e se desenvolve a partir de concepções órfico-pitagóricas em dois poemas, *Da Natureza e Purificações*. O primeiro trata sobre a origem do universo e, o segundo, descreve o destino da alma conforme a metempsicose.

A alma deve cumprir sua penitência neste mundo através da troca de variados corpos de várias espécies, porque segundo um fragmento de Empédocles: “Já, com efeito, eu outrora fui menino, menina, arbusto, passarinho e, do mar saltando, mudo peixe.”<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup> A purificação é um dos pontos centrais em Platão, porque ajuda a alma a se libertar das amarras do corpo.

<sup>26</sup> Diógenes Laércio, VIII, 77 frag. 117.

Do mesmo modo, para Empédocles, a alma é um *daimôn*<sup>27</sup> de origem divina, que cometeu um pecado não-especificado e foi exilada de sua própria pátria divina, para o mundo corpóreo, repleto de dores e sofrimentos e que o objetivo da transmigração da alma é escapar à roda do nascimento e retornar ao estado de felicidade. Quanto a isso, há um fragmento esclarecedor quando assevera que por: “dez mil estações eles longe dos abençoados erram, nascendo pelo tempo em toda espécie de formas de mortais, que penosos caminhos de vida permutam entre si [...] Destes também, eu agora sou, dos deuses banido, errante, em furioso ódio tendo confiado.”<sup>28</sup> Por fim, diante disso, a alma tem consciência de sua queda, e a purificação consiste nas sucessivas formas de vida por que terá que passar para libertar-se do mal e retornar à pátria divina.

---

<sup>27</sup> Neste caso refere-se à alma como um demônio que está poluído pelas suas iniquidades e que vagará entre os mortais durante longo período longe dos bem-aventurados.

<sup>28</sup> Hipólito, Refutação, VII, 29 frag. 115.

### 3 A CONCEPÇÃO DA ALMA NO FÉDON DE PLATÃO

A alma<sup>29</sup>, *psyche*, é apresentada por Platão como uma natureza intermediária entre o *sensível*<sup>30</sup> e o *inteligível*, participando da primeira pelo corpo e da segunda pela razão. No diálogo Fédon, a alma é concebida como algo imaterial, invisível, autônoma, imortal e superior ao corpo. A essência do homem é sua alma<sup>31</sup>, enquanto o corpo é apenas uma prisão do qual ela deverá libertar-se por meio de vários renascimentos até sua purificação.

#### 3.1 A Purificação da Alma

O processo de purificação<sup>32</sup> da alma em Platão é de fundamental importância no que tange a sua imortalidade, pois está inserido nesta questão o interesse do homem pela elevação da alma, quanto ao cultivo das virtudes, e a sua relação com o corpo, ou seja, segundo Platão:

A purificação é, de fato, o que diz uma antiga tradição: Apartar o mais possível a alma do corpo, habituá-la a evitá-lo, a concentrar-se sobre si mesma por um refluxo vindo de todos os pontos do corpo, a viver tanto quanto puder, seja nas circunstâncias atuais, seja nas que se lhes seguirão, isoladas e por si mesma, inteiramente desligada do corpo e como se houvesse desatado os laços que a ele a prendiam.<sup>33</sup>

---

<sup>29</sup> O que Platão entende por *psyche* certamente não é o conceito de alma da escatologia cristã nem o conceito de mente da ciência atual. Além disso, as dificuldades de acesso ao conceito de *psyche* grego e de alma da tradição, em suas variações filosóficas, teológicas e científicas, podem ser examinadas, em parte, através de um método que procura, no discurso e no enunciado de Platão, o sentido do termo referido nos níveis de discurso e de contextualização mencionados. Cf. PAVIANI, Jayme. **Filosofia e método em Platão**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p.150.

<sup>30</sup> Platão diz que o mundo sensível é o mundo físico, do movimento, da mudança, da pluralidade, das imagens, ou seja, de tudo aquilo que é particular. Também, o sensível é mimese do inteligível porque o imita, mesmo sem nunca conseguir igualá-lo (no seu contínuo vir-a-ser avizinha-se, crescendo, do modelo ideal e depois se afasta dele corrompendo-se) Cf. REALE, 2007, p. 80.

<sup>31</sup> Mas, para Platão, não basta dizer que o homem é sua alma, como Sócrates dizia, mas é preciso estabelecer ulteriormente se essa alma é ou não imortal. Somente a resposta a esse problema passa a ser decisiva. Cf. Ibid. p. 183.

<sup>32</sup> A compreensão de purificação, em Platão, é diferente do modo como ocorre nas cerimônias de iniciação do Orfismo pelo fato dela coincidir com o processo de elevação ao conhecimento do inteligível.

<sup>33</sup> Fédon, 67cd.

Do mesmo modo, deve ser considerável a atitude do filósofo perante a morte na medida em que também cabe à filosofia ajudar, a alma, na sua libertação; pois, conforme Platão e com base na idéia órfica desenvolvida pelo pitagorismo: “não será permitido o acesso àquele que não praticou a filosofia e não vai daqui totalmente purificado, mas somente ao que ama o saber”.<sup>34</sup>

Logo, a função da filosofia descrita no Fédon é uma preparação para a morte. A verdadeira ocupação do filósofo consiste em “aprender a morrer e preparar-se para a separação da alma do corpo.”<sup>35</sup> Pois, “só podemos conhecer puramente os seres em si, separados do corpo e encarar por intermédio da alma em si mesma os entes em si mesmos”<sup>36</sup>.

Nesse sentido, a purificação platônica envolve uma verdadeira conversão da alma ao estado originário, ou seja, anterior à união com o corpo na medida em que a filosofia purifica e liberta a alma dos males que o corpo lhe traz, “[...] quando por nós mesmos conheceremos sem mistura alguma tudo o que é. E nisso, provavelmente, consiste a verdade”.<sup>37</sup> Entretanto, Platão diz que a maioria teme a morte por considerá-la um mal:

Em verdade estão se exercitando para morrer todos aqueles que [...] se dedicam à filosofia, e o próprio pensamento de estar morto é para eles, menos que para qualquer outra pessoa, um motivo de terrores! [...] Ora, se assim é, não será o cúmulo da extravagância, [...] que exista o temor da morte no espírito de tal homem? [...] Dize-me, pois – continuou Sócrates -, não tiveste a oportunidade de observar várias vezes que quando alguém se irrita no momento de morrer, não é a sabedoria que alguém ama, mas sim o corpo? E que esse alguém talvez ame ainda as riquezas, ou as honrarias, quer uma, quer outra dessas coisas, ou quem sabe senão as duas juntas?<sup>38</sup>

Para Platão, somente o verdadeiro filósofo possui uma forte convicção de que num outro mundo<sup>39</sup> se poderá encontrar a pura sabedoria, na medida em que

---

<sup>34</sup> Ibid. 82c - 84ab.

<sup>35</sup> Ibid. 64ab.

<sup>36</sup> Ibid. 65de.

<sup>37</sup> Ibid. 66a.

<sup>38</sup> Ibid. 67ac.

<sup>39</sup> Platão se refere ao mundo supra-sensível, o mundo das idéias.

juntamente com as demais virtudes, colabora na purificação das paixões, a ocupação com a filosofia. Pois, o filósofo volta-se para a verdade e a segue, porque sabe que ela pode proporcionar a purificação e a libertação da alma.<sup>40</sup> Além disso, sabe que quando sua alma:

[...] Foi tomada sob os cuidados da filosofia, se encontrava completamente acorrentada a um corpo e, como colada a ele; que o corpo constituía para a alma uma espécie de prisão, através da qual ela devia forçosamente encarar a realidade, ao invés de fazê-lo por seus próprios meios e através de si mesma; que, enfim, ela estava submersa numa ignorância absoluta.<sup>41</sup>

Enfim, Platão apresenta seu Sócrates como homem de sólida fé órfica e com uma serenidade diante da morte proveniente desta esperança quanto à realidade que consagra o corpo como uma tumba da alma: lugar que contamina a alma, ligando-a ao que é terreno. A morte é a libertação da alma e, portanto, não é senão o cumprimento de uma purificação.

### 3.2 A Relação entre corpo e alma no Fédon

No *Fédon* a oposição entre corpo e alma é radical. O ser humano é composto de um corpo e uma alma. O corpo assemelha-se ao visível, mutável e mortal, enquanto que a alma se assemelha ao invisível, imutável, imortal e inteligível. Além disso, ela tem uma natureza divina que a mantém eternamente igual a si própria. Por conseguinte, cabe ao corpo cumprir a tarefa de receptáculo da alma e obedecê-la, na medida em que a alma:

[...] se assemelha ao que é divino, imortal, dotado de capacidade de pensar, ao que tem uma forma única, ao que é indissolúvel e possui sempre do mesmo modo identidade: o corpo, pelo contrário, equipara-se ao que é humano, mortal, multiforme, desprovido de inteligência, ao que está sujeito a decompor-se, ao que jamais permanece idêntico.<sup>42</sup>

---

<sup>40</sup> Fédon, 82d.

<sup>41</sup> Ibid. 82e.

<sup>42</sup> Fédon, 80b.

A relação entre corpo e alma pode apresentar um determinado desacordo pelo fato de o corpo ser um obstáculo para a alma, que não consegue conhecer as coisas em si, enquanto estiver ligada a ele. Aliás, a alma tende a se libertar do corpo que é terreno e perecível, para estar em companhia do que lhe é semelhante.<sup>43</sup> Ao mesmo tempo, porém, o corpo é o abrigo de que a alma precisa para se purificar e retornar à sua origem, pois, apesar de invariavelmente desejar libertar-se do corpo, a alma terá que manter com ele um laço de união, por ser ele o veículo que lhe permitirá a passagem para o além.<sup>44</sup>

Para Platão, a raiz de todo o mal é o corpo.<sup>45</sup> Os danos que a alma sofre devido ao corpo são incalculáveis por causa dos atrativos da matéria corporal. O corpo é fonte de discórdias, inimizades, paixões, ignorâncias e loucuras e, conseqüentemente, é um obstáculo para o verdadeiro conhecimento. Assim sendo, enquanto a alma estiver ligada ao corpo estará mergulhada na corrupção e terá dificuldades de alcançar o que deseja, ou seja, a verdade. Quanto ao corpo, diz Platão:

[...] por sua culpa, temos preguiça de filosofar. Mas o cúmulo está em que, quando conseguimos de seu lado obter alguma tranqüilidade, para voltar-nos então ao estudo de um objeto qualquer de reflexão, súbito nossos pensamentos são de novo agitados em todos os sentidos, por este intruso que nos ensurdece, tonteia e desorganiza, ao ponto de tornar-nos incapazes de conhecer a verdade.<sup>46</sup>

Assim, se alma deseja conhecer a verdade e as coisas em sua pureza, é necessário que se separe do corpo e examine por si mesma os objetos que deseja conhecer. Para se dar essa separação é indispensável que ocorra a morte, pois, morrer significa apartar a alma do corpo para que ela fique isolada em si mesma.

---

<sup>43</sup> Viver para o corpo significa viver para aquilo que está destinado a morrer, viver para a alma significa, ao contrário, viver para aquilo que está destinado a viver sempre, significa viver purificando a alma por meio de um progressivo desapego ao corpóreo. Cf. REALE, 2007, p. 183.

<sup>44</sup> Para Platão, em muitos diálogos, o corpo é não só e não é tanto um instrumento a serviço da alma, e, portanto algo sem o qual a alma não poderia exercitar as suas funções, mas é algo antitético a alma, e, sob certos aspectos, um obstáculo as funções que lhe são próprias. O homem é, portanto, em duas dimensões, ou seja, é constituído por dois componentes, sob certos aspectos em nítida antítese entre si. Cf. REALE 2002 p.175.

<sup>45</sup> No Fédon, sublinha-se nitidamente o aspecto negativo do corpo, com as afirmações seguintes: os sentidos são um impedimento a alma no que se refere tanto a vida moral quanto a vida cognoscitiva. O corpo, de fato, é apresentado como fonte de paixões, de medos, de todo gênero de vaidade. Do corpo, explica Platão, derivam os desejos de riqueza, e, conseqüentemente, o corpo é causa de guerras. Cf. Ibid. p.178.

<sup>46</sup> Cf. Fédon, 66c.

Somente dessa forma a alma consegue se impulsionar em direção ao mundo do verdadeiro ser e das idéias eternas.<sup>47</sup>

Mas, a morte se refere apenas ao corpo e não proporciona nenhum dano a alma, pelo contrário, conduz a alma para um grande benefício permitindo-lhe que viva a verdadeira vida voltada para si mesma e sem obstáculo.<sup>48</sup> Por isso, Platão acrescenta ainda, que:

Estaremos mais próximos do saber, parece-me, quando nos afastarmos o mais possível da sociedade e união do corpo [...] Quando, sobretudo, não estivermos mais contaminados por sua natureza, mas, pelo contrário, nos acharmos puros de seu contato, e assim até o dia em que o próprio Deus houver desfeito esses laços. E quando dessa maneira atingirmos a pureza, pois que então teremos sido separados da demência do corpo, deveremos mui verossimilmente ficar unidos a seres parecidos conosco; e por nós mesmos conheceremos sem mistura alguma tudo o que é. E nisso, provavelmente, é que há de consistir a verdade.<sup>49</sup>

### 3.3 A Segunda Navegação

Para tratar a concepção platônica da imortalidade da alma, vale examinar o problema filosófico sobre o qual se fundamenta o tema central do *Fédon*: a teoria das *idéias*. Na compreensão da natureza da alma, sua relação com o corpo e a sua afinidade com o verdadeiro ser das coisas, se faz necessário um estudo sobre a *segunda navegação*,<sup>50</sup> que se trata, segundo Reale,<sup>51</sup> da “primeira exploração e demonstração racionais da existência de uma realidade supra-sensível e transcendente”. Logo, a metáfora da *segunda navegação* é relevante para a

---

<sup>47</sup> A alma humana é capaz, diz Platão, de conhecer as coisas imutáveis e eternas; mas, para poder captar essas coisas ela deve ter como condição, uma natureza que lhe seja afim; caso contrário tais coisas permaneceriam fora de sua capacidade; assim, pois, sendo elas imutáveis e eternas, também a alma deve ser imutável e eterna. Cf. REALE, 2007, p. 185.

<sup>48</sup> Sócrates encara a morte como um bem por trazer a libertação de todos os males e levar ao verdadeiro conhecimento. Para Sócrates, o homem é composto de corpo e alma e a verdadeira realidade só é alcançada quando a alma separa-se do corpo através da morte. Cf. SANTOS, 1999, p. 49.

<sup>49</sup> Fédon, 67ab.

<sup>50</sup> Chama-se Segunda Navegação aquela que se leva adiante com remos quando se fica sem ventos. A primeira navegação, feita com velas ao vento, corresponderia àquela levada a cabo pelos naturalistas e o seu método; a segunda navegação, feita com remos e sendo muito mais cansativa e exigente, corresponde ao novo tipo de método, que leva a conquista da esfera do supra-sensível. As velas ao vento dos físicos eram os sentidos e as sensações, os remos da segunda navegação são os raciocínios e os postulados. Cf. REALE, 2007, p. 53.

<sup>51</sup> Cf. REALE, 2007, p. 49.

compreensão do mundo das causas e a relação existente entre a alma e o corpo, na medida em que a alma, na sua superioridade, se assemelha ao mundo das *idéias* e o corpo ao mundo sensível.

O benefício da *segunda navegação* é a descoberta de um novo tipo de causa, que consiste nas realidades puramente inteligíveis. Todas as coisas existem em decorrência de tais realidades, como, por exemplo, as coisas belas se explicariam em função da “beleza em si”, as coisas pequenas e grandes em função da “pequenez em si” e da “grandeza em si” e assim por diante. Conforme Platão:

Suponho que há um “belo”, um “bom”, e um “grande em si”, e do mesmo modo as demais coisas. [...] Para mim é evidente: quando, além do belo em si, existe um outro belo, este é belo porque participa daquele apenas por isso e por nenhuma outra causa. O mesmo afirmo a propósito de tudo o mais. [...] O que faz belo um objeto é a existência daquele belo em si, de qualquer modo que se faça a sua comunicação com este. [...] E o que é grande é grande por meio da grandeza; e o que é maior pelo maior; e o que é menor por meio da pequenez.<sup>52</sup>

Além da realidade física, existe outra, que se configura como causa dessa realidade *sensível* e que é ontologicamente mais sublime - a realidade *inteligível*. O mundo inteligível sendo incorpóreo, eterno, estável, absoluto e uno é superior ao mundo sensível, ao que muda, ao que é relativo e múltiplo. Portanto, o mundo físico é uma realidade que depende e só pode ser explicada como participante do mundo *inteligível*.

A causa verdadeira é a *idéia*, a *forma*.<sup>53</sup> De acordo com Reale,<sup>54</sup> Platão entende por *idéia* algo que compõe o objeto específico do pensamento, para o qual o pensamento está voltado de maneira pura, ou seja, “aquilo sem o qual o pensamento não seria pensamento: em suma, a *idéia* platônica não é de modo algum um puro ser de razão e sim um ser e mesmo aquele ser que é absolutamente, o ser verdadeiro.” As *idéias* são as essências eternas do bem, do

---

<sup>52</sup> Fédon, 100ce.

<sup>53</sup> As formas ou *idéias* platônicas são o originário qualitativo imaterial, são realidades de caráter não físico, mas metafísico. Cf. REALE, 2007, p. 63.

<sup>54</sup> Fédon, p. 61.

belo, do verdadeiro, do justo e assim por diante, que a inteligência<sup>55</sup> pode contemplar quando se move para a pura dimensão do *inteligível*. Pois, segundo Platão:

E quem haveria de obter em sua maior pureza esse resultado, senão aquele que usasse no mais alto grau [...] unicamente o seu pensamento, sem recorrer no ato de pensar nem a vista, nem a um outro sentido, sem levar nenhum deles em companhia do raciocínio; quem senão aquele que, utilizando-se do pensamento em si mesmo, por si mesmo e sem mistura, se lançasse a caça das realidades verdadeiras, também em si mesmas, por si mesmas e sem mistura? E isto só depois de se ter desembaraçado o mais possível de sua vista, de seu ouvido, e, numa palavra, de todo o seu corpo, já que é este quem agita a alma e a impede de adquirir a verdade e exercer o pensamento, todas as vezes que está em contato com ela? Não será este o homem, Simias, se alguém é dado fazê-lo neste mundo, que atingira o ser verdadeiro?<sup>56</sup>

Assim sendo, Platão diz que é somente no ato de raciocinar que o filósofo pode alcançar o “belo em si”, o “justo em si” e o “bom em si”. Tais realidades não podem ser negadas, embora, impossíveis de serem captadas pelos olhos, ouvidos, enfim, pelos próprios sentidos do corpo, na medida em que são realidades incorpóreas.<sup>57</sup>

É no *Fédon* que a realidade em si tem como característica, conservar sempre a mesma identidade, enquanto, que a realidade do mundo sensível, nunca permanece do mesmo modo. De acordo com Platão:

[...] Essa essência de cuja existência falamos em nossas interrogações e em nossas respostas, dize-me: comporta-se ela sempre do mesmo modo, mantém a sua identidade, ou ora se apresenta de um modo, ora doutro? Pode-se admitir que o Igual em si mesmo, o Belo em si mesmo, que cada realidade em si – o ser – seja suscetível de uma mudança qualquer? Ou acaso cada uma dessas realidades verdadeiras, cuja forma é uma em si e por si, não se comporta sempre do mesmo modo em sua imutabilidade, sem admitir jamais, em nenhuma parte em coisa alguma, a menor alteração?

- É necessário – disse Cebes, que todas conservem do mesmo modo a sua identidade, Sócrates!

- E, de outra parte, que dizer dos múltiplos objetos, como homens, cavalos, vestimentas, ou quaisquer outros do mesmo gênero, e que

---

<sup>55</sup> A inteligibilidade exprime uma característica essencial das idéias que as contrapõe ao sensível como uma esfera de realidade subsistente acima do próprio sensível e que, exatamente por isso, só pode ser captada pela inteligência que saiba libertar-se adequadamente dos sentidos. Cf. REALE, 2007, p. 65.

<sup>56</sup> Fédon, 66a.

<sup>57</sup> A *inteligibilidade* está estreitamente ligada à característica da *incorporeidade*.

são ou iguais, ou belos – são sempre os mesmos ou apostos às essências pelo fato de nunca estarem no mesmo estado nem em relação a si nem em relação aos outros?

- E dessa maneira – atalhou Cebes – eles nunca se comportam da mesma forma<sup>58</sup>

Para Reale<sup>59</sup>, o dualismo<sup>60</sup> de Platão, com a distinção dos dois planos da realidade, o plano do *inteligível* e o plano do *sensível*, se configuram verdadeiramente o caminho principal de todo o pensamento platônico. Nesta perspectiva, o mundo se divide em dois. Um mundo é o lugar do transcendente<sup>61</sup>, da *Idéia*, outro é o lugar do empírico. O mundo das realidades empíricas é sensível e corpóreo, enquanto que o mundo das *Idéias* é inteligível<sup>62</sup> e incorpóreo<sup>63</sup>. As realidades inteligíveis são estáveis<sup>64</sup> e eternas. As realidades sensíveis são corruptíveis. As realidades inteligíveis são unidade e Ser<sup>65</sup> em sentido puro. As realidades sensíveis são múltiplas e uma mescla com o não - ser. Com respeito ao conhecimento<sup>66</sup>, no mundo do sensível está a mera opinião e no mundo inteligível está o conhecimento verdadeiro.

---

<sup>58</sup> Fédon, 78d-e.

<sup>59</sup> Cf. REALE, 2007. p. 66.

<sup>60</sup> O dualismo de Platão não é senão o dualismo de quem admite a existência de uma causa supra-sensível como razão de ser do próprio sensível, convencido de que o sensível, por causa da sua autocontraditoriedade, não pode possuir uma razão de ser total de si mesmo. Ibid. p. 78.

<sup>61</sup> Para Platão, a transcendência das idéias é justamente a razão de ser da sua imanência. As idéias não poderiam ser a causa do sensível se não *transcendessem* o próprio sensível; e, justamente transcendendo-o ontologicamente podem ser o fundamento da sua estrutura ontológica imanente. Em resumo, *a transcendência das idéias é justamente o que qualifica a função que elas cumprem de “causa verdadeira”*. Ibid. p. 76.

<sup>62</sup> No mundo inteligível a idéia é, por excelência, objeto da inteligência e só com a inteligência pode ser captada. Ibid. p. 64.

<sup>63</sup> Neste sentido, a idéia pertence a uma dimensão totalmente diversa do mundo sensível. O incorpóreo torna-se “forma” inteligível (ou seja, meta-sensível, meta-físico) e, portanto, um ser determinado que age como causa determinante, um ser delimitado que age como causa limitante, ou seja, a causa verdadeira e real. Ibid. p. 67.

<sup>64</sup> Declarando imutável a idéia, Platão quis afirmar o conceito de que a causa verdadeira que explica o que muda não pode mudar ela mesma, pois do contrário não seria a “verdadeira causa”, isto é, não seria a razão última. Ibid. p. 71.

<sup>65</sup> O “ser” das idéias é aquele tipo de ser que é puramente *inteligível e incorpóreo*, que *não nasce nem perece* de maneira alguma e que é *em si e por si* em sentido pleno. Cf. Ibid. p. 67.

<sup>66</sup> Somente o ser verdadeiro é verdadeiramente cognoscível; o mundo sensível, o do ser misturado ao não-ser, é apenas objeto de opinião, enquanto do não-ser há somente a ignorância pura. Cf. PLATÃO, República, V. 478e – 479d Apud REALE, 2007, p. 69.

#### 4 A IMORTALIDADE DA ALMA NO FÉDON

A questão fundamental do *Fédon* é a imortalidade da alma.<sup>67</sup> Nesse sentido, segundo Paviani,<sup>68</sup> a tradição órfico-pitagórica é uma fonte decisiva para a concepção platônica de alma. Há uma mistura de fé e razão quando se trata de provar que a alma é imortal, pois, os argumentos nem sempre são consistentes. Aliás, a argumentação leva em conta o conjunto de crenças e tradições que influenciam o pensamento de Platão, devido ao clima emocional da discussão sobre a morte próxima de Sócrates que sobrecarrega os argumentos favoráveis à imortalidade da alma.

No *Fédon*, Sócrates expõe a seus amigos o motivo de seu destemor diante da morte por estar convencido de que sua morte é uma passagem para um outro mundo, onde encontrará a felicidade, embora, considere ao mesmo tempo de que essa verdade não seja aceita por todos.<sup>69</sup> Propõe-se, então, a persuadir os presentes sobre a imortalidade da alma defendendo seus argumentos de modo mais eficaz possível do que ele próprio se defendeu perante os juízes de Atenas.<sup>70</sup>

No *Fédon*, Platão se ocupa do tema da imortalidade da alma e propõe argumentos para demonstrar que ela é imortal, a fim de justificar a tranqüilidade do filósofo diante da morte.<sup>71</sup> Entretanto, tais argumentos<sup>72</sup> não constituem provas rigorosas, mas convicções de que existe uma vida após a morte. Então, é a partir desta convicção nas teses aceitas pela fé que Sócrates procura demonstrar racional e dialeticamente a imortalidade da alma. Logo, as provas devem ser

---

<sup>67</sup> O problema em torno da morte é tratado por Platão logo no início do diálogo *Fédon* quando se refere ao orfismo e ao pitagorismo com relação ao suicídio quando diz que “há uma fórmula que usam os adeptos dos mistérios: é uma prisão o lugar onde nós vivemos, e é dever não libertar ninguém nem permitir que alguém seja levado dali”. Cf. *Fédon*, 62b.

<sup>68</sup> Cf. PAVIANI, 2001, p.153.

<sup>69</sup> Cf. SANTOS 1999, p. 49.

<sup>70</sup> Portanto, Sócrates busca uma justificação da imortalidade da alma para se “crer que depois da morte do homem a alma subsiste como uma atividade real e com capacidade de pensar” Cf. PLATÃO, *Fédon*, 70b apud PAVIANI, 2001, p.155.

<sup>71</sup> As provas da imortalidade da alma adquirem uma importância muito grande porque, com elas, Platão vai além do socratismo e do orfismo e estabelece uma mediação sintética entre as instâncias racionalistas do primeiro e as instâncias místicas do segundo. Cf. REALE, 2007, p. 184.

<sup>72</sup> No *Fédon*, os argumentos se fundamentam nas teses já aceitas pela fé para demonstrar racional e dialeticamente a imortalidade da alma. Cf. SANTOS, 1999, p. 49.

interpretadas sobre uma ótica de fé e razão que constitui o logos platônico, inclusive em alternância com o mito numa espécie de conexão harmônica e recíproca.<sup>73</sup> Para esclarecer melhor essa idéia vale ressaltar o que diz Sócrates:

Eu cometeria um grande erro não me irritando contra a morte, se não possuísse a convicção de que depois dela vou encontrar-me, primeiro, ao lado de outros Deuses, sábios e bons; e, segundo, junto a homens que já morreram e que valem mais do que os daqui. [...] tenho a firme convicção de que depois da morte há qualquer coisa – qualquer coisa, de resto, que uma antiga tradição diz ser muito melhor para os bons do que para os maus.<sup>74</sup>

Portanto, Sócrates parte de sua fé<sup>75</sup>, em comum acordo com o movimento órfico para restabelecê-la em um plano ontológico por meio da demonstração racional. Pois, onde a razão não é mais capaz de conseguir êxito recorre-se à fé e à expressão através do mito<sup>76</sup> que remete aquilo que realmente pretendia-se dizer através de complexas imagens e alusões.

#### 4.1 As Provas Da Imortalidade Da Alma No Fédon

O *Fédon* apresenta provas em favor da imortalidade da alma, que variam em número, de acordo com os comentadores. No presente estudo examinaremos quatro provas: o argumento dos contrários, da reminiscência, da afinidade com as formas ou idéias e da participação da alma na idéia de vida.

---

<sup>73</sup> À primeira (fé) confia a tarefa de transportar e elevar, imediatamente, o espírito humano para os âmbitos e esferas de conhecimento superiores, aos quais a razão por si mesma não teria possibilidade de chegar, mas das quais pode, todavia, apoderar-se mediamente com articulação orgânica entre fé e razão. Em não poucas ocasiões, ao contrário, quando a razão atinge limites intransponíveis, Platão lhe atribui também a tarefa de superar intuitivamente esses limites a fim de completar e coroar o esforço da razão, elevando assim o espírito a uma visão ou, ao menos, tensão transcendente. Cf. SANTOS, 1999, p. 46 – 47.

<sup>74</sup> Fédon, 63bc.

<sup>75</sup> A fé de Platão era a dos órficos e dos mistérios do Orfismo, ou seja, não da religião grega oficial mas daquele movimento, do qual Platão assumiu não poucos elementos: os Órficos apresentavam justamente sua crença como revelações divinas. Cf. SANTOS, 1999, p. 47

<sup>76</sup> No Fédon o mito assume uma relevância extraordinária, enquanto é apresentado inclusive de modo programático: para quem está a ponto de empreender uma viagem para um outro mundo, como Sócrates que vai beber a cicuta e morrer, a tarefa mais conveniente a fazer é a de empreender uma investigação sobre essa viagem e de relatar, num mito, o que julgamos ser tal lugar. Cf. REALE, 2002, p. 209.

## 4.2 O Argumento dos Contrários

No *Fédon* Platão propõe vários argumentos para demonstrar que a alma é imortal a fim de justificar a tranquilidade do filósofo perante a morte. A argumentação provém da dúvida de Cebes com relação à sobrevivência da alma quando questiona que:

Talvez, dizem eles, uma vez separada do corpo, a alma não exista mais em nenhuma parte e talvez, com maior razão, seja destruída e pereça no mesmo dia em que o homem morre. Talvez desde o momento dessa separação, se eleve do corpo para dissipar-se tal como um sopro ou uma fumaça, e que assim separada e dispersa nada mais seja em parte alguma. [...] Isso, todavia, requer sem dúvida uma justificação, a qual provavelmente não há de ser fácil, para fazer crer que depois da morte do homem a alma subsiste com uma atividade real e com capacidade de pensar.<sup>77</sup>

A partir disso, Platão inicia a argumentação referindo-se a uma antiga tradição, no qual as almas dos que se foram daqui vão para o Hades e para cá voltam, renascidas dos mortos e que, portanto, é dos mortos que nascem os vivos. Conforme Platão:

É, em suma, no Hades que estão as almas dos defuntos, ou não? Pois, conforme diz uma antiga tradição nossa conhecida, lá se encontram as almas dos que se foram daqui, e elas novamente, insisto, para cá voltam e renascem dos mortos. E se assim é, se dos mortos nascem os vivos, que podemos admitir senão nossas almas devem mesmo estar lá? Sem dúvida, não poderia haver novo nascimento para almas que já não tivessem existência, e para provar esta existência bastaria tornar manifesto que os vivos não nascem senão dos mortos.<sup>78</sup>

Assim, o primeiro argumento parte do pressuposto de que há uma sucessão de contrários em todas as coisas, que mutuamente se geram e alternam. O belo é o contrário do feio, o maior do menor, o frio do quente, o justo do injusto e assim por diante. Dessa forma, o princípio da geração estabelece que as coisas que possuem seu contrário surjam desse contrário.

Platão constata uma incessante transformação das coisas em seus respectivos contrários, e ainda, que deve haver umnexo intermediário entre esses

---

<sup>77</sup> Fédon, 70ab.

<sup>78</sup> Ibid. 70d.

dois contrários na medida em que a experiência demonstra que as coisas nascem uma das outras e que passam de uma para outra por meio de tal nexos. Portanto, também a alma, na sua continuidade através do ciclo de vida e morte, caracteriza-se pela passagem de um estado para outro.<sup>79</sup> O argumento é o seguinte:

[...] a respeito da vida e da morte. Não dirás que viver tem por contrário estar morto?

- É o que eu diria.

- E, em seguida, que esses estados se engendram mutuamente?

- Diria.

- Que é, por conseguinte, o que provém do que está vivo?

- O que está morto.

- E do que está morto, o que é que provém?

- Impossível – disse Cebes – não admitir que é o que está vivo.

- É, pois, de coisas mortas que provém, Cebes, as que têm vida, e, com elas, os seres vivos?

- É claro.

- Quer dizer, então, que nossas almas existem no Hades.

- Das duas gerações, enfim, não há pelo menos uma que não nos deixe dúvida sobre sua realidade? Porque o termo morrer, penso, está fora de dúvida! Não está?

- Sim, é absolutamente certo.

- Que faremos, então? Não o compensaremos pela geração contrária? Porque, se não fosse assim, a natureza seria coxa! Ou, pelo contrário, será preciso supor uma geração contrária ao morrer?

- Isso é, segundo penso, absolutamente necessário.

- E qual é essa geração?

- É reviver

- Por conseguinte – continuou Sócrates – uma vez que reviver existe, não se poderá dizer que o que constitui a geração dos mortos para os vivos é precisamente reviver?

- Evidentemente.<sup>80</sup>

Nesse sentido, se só existisse a morte e não o reviver, tudo já estaria acabado, ou seja, não existiria vida sobre a Terra. Para Platão, o regresso à vida é

---

<sup>79</sup> A morte e a vida são igualmente dois contrários e entre ambos, como entre todos os contrários, há duplo processo. Há o processo que vai do vivo ao morto, que é o morrer; porém, a este processo deve corresponder o outro que vai do morto ao vivo, ou seja, o renascer. Cf. SANTOS, 1999, p.47.

<sup>79</sup> Fédon, 70d-72a.

real e as almas, evidentemente, existem no Hades num movimento cíclico no qual, a vida provém da morte e vice-versa.

Entretanto, esse argumento não satisfaz quanto à imortalidade da alma. Platão precisa, então, demonstrar que além de sobreviver à morte, a alma tem identidade e capacidade de conhecer.

### 4.3 O Argumento da Reminiscência

Ao argumento dos contrários, Cebes associará o da reminiscência<sup>81</sup> que assevera que o nosso conhecimento é somente recordação de tudo que contemplamos<sup>82</sup> antes de nascer, pois, em função da natureza cíclica da alma, não há nada no *mundo sensível* e no *mundo inteligível* que ela não tenha aprendido. O argumento implica o dualismo entre *sensível* e *inteligível* em relação mútua ao dualismo corpo e alma e, da mesma forma, o contato com o imortal, com o divino, com o invisível.

Para Platão, todo conhecer é um reconhecer que a alma realiza através do conhecimento previamente contemplado no mundo *inteligível*. Logo, aprender é recordar conhecimentos que a alma já tivera antes de se unir ao corpo.<sup>83</sup>

Através dos sentidos vemos que as coisas nem sempre se conservam iguais, apesar de guardarem certa semelhança. Sempre há falhas na percepção das coisas em relação ao igual em si, ou seja, não podemos derivar nosso conhecimento de igualdade a partir da percepção de coisas iguais. Conforme Platão:

Considerando o caso em que nos sirva de ponto de partida para uma recordação qualquer, não somos forçosamente levados a

---

<sup>81</sup> No argumento da reminiscência apresentado por Platão no diálogo Mênon, se diz que o conhecimento é *anamnese*, isto é, uma forma de “recordação”. A teoria procura superar a aporia que Platão encontra. Segundo os erísticos, “a pesquisa e o conhecimento são impossíveis: com efeito, não se pode procurar e conhecer o que não se conhece porque, mesmo encontrando-o, não se poderia reconhecê-lo; por outro lado, não tem sentido procurar o que já se conhece, justamente porque já é conhecido.” Cf. Mênon, 80 d.

<sup>82</sup> A alma contempla as coisas em si do mundo inteligível quando está no seu estado puro, separada do corpo.

<sup>83</sup> Tal concepção pressupõe a pré-existência da alma, porque, “tal não poderia acontecer se a nossa alma não existisse em algum lugar antes de assumir, pela geração, a forma humana.” Cf. Fédon, 73a.

reflexões como esta: falta ou não alguma coisa ao objeto considerado, em sua semelhança com aquilo de que nos recordamos?

- Sim, isso é necessário.

- Examine agora – tornou Sócrates [...] Afirmamos sem dúvida que há um igual em si; não me refiro a igualdade entre um pedaço de pau e outro pedaço de pau, entre uma pedra e outra pedra, nem a nada, enfim, do mesmo gênero; mas a alguma coisa que, comparada a tudo isso, disso, porém se distingue: - o igual em si mesmo. Deveremos afirmar que ele existe, ou negar?

- Seguramente que devemos afirmá-lo, por Zeus! – disse Cebes

- E sabemos também o que ele é em si mesmo?

- Também.

- E onde obtemos o conhecimento que dele temos? Acaso não foi dessas coisas de que falamos há pouco? Acaso não foram esses pedaços de pau, essas pedras, ou outras coisas semelhantes, cuja igualdade, percebida por nós, nos fez pensar nesse igual que, entretanto, é distinto delas? [...] Portanto, é necessário que tenhamos anteriormente conhecido o igual, mesmo antes do tempo em que pela primeira vez a visão de coisas iguais nos deu o pensamento de que elas aspiram a ser tal qual o igual em si.<sup>84</sup>

No *Fédon*, a reminiscência se produz a partir dos objetos percebidos no *mundo sensível*. O conhecimento que formamos das coisas somente é possível porque já contemplamos as coisas em si no *mundo inteligível*. Pois, “quando uma pessoa olha para um dado objeto e reflete de si para si” constata que “este objeto que tenho diante dos olhos aspira a identificar-se com a outra e determinada realidade”, embora, “longe de poder identificar-se a ela é-lhe, pelo contrário, bastante inferior”, conseqüentemente, é de supor que a alma “conhecia já essa tal realidade à qual, segundo declara, se assemelha o objeto em causa, embora lhe fique bastante aquém.”<sup>85</sup> A partir disso, é imprescindível concluir que, entre os dados da experiência e os conhecimentos que temos, existe um desnível, pois, estes contêm algo mais com relação àquelas.<sup>86</sup> Portanto, a alma, ao utilizar-se dos sentidos, ao comparar a realidade sensível e a realidade das idéias tem, evidentemente, que recordar tais conhecimentos.

---

<sup>84</sup> Fédon, 74ad.

<sup>85</sup> Ibid. 74e.

<sup>86</sup> Esse *plus* provém de dentro de nós, da alma, na medida em que não pode provir como criação do sujeito pensante: o sujeito pensante não cria esse *plus*, ele o “encontra” e o “descobre”. Os sentidos só nos dão conhecimentos imperfeitos; a nossa mente - a nossa inteligência ou alma – tomando ciência desses dados, aprofundando-se e como se recolhendo dentro de si ou interiorizando-se, encontra os conhecimentos perfeitos correspondentes. E já que não os produz, não resta senão a conclusão de que ela os encontre em si e os extraia de si, “recordando-os”. Cf. SANTOS, 1999, p.60 .

Enfim, o argumento da reminiscência fundamenta a convicção de que alma existia antes de se unir ao corpo, porque, o conhecimento adquirido não se perde no ciclo de vida e morte já que ela renasce com ele e, apenas, o esquece momentaneamente devido a influência do corpo.<sup>87</sup>

#### 4.4 O Argumento da Afinidade

Apesar do argumento da reminiscência provar a preexistência da alma, Platão ainda precisa provar que a alma é imortal, principalmente, após as objeções de Cebes e Sírnias, quanto ao temor de que a alma se dissipe após a morte, perdendo sua identidade. Tal questão é relevante porque a preexistência da alma está diretamente ligada à existência das formas ou *idéias* que foram contempladas pela alma no outro mundo. Dessa forma, não há outra opção senão admitir ou rechaçar a existência do mundo das *idéias* juntamente com a reminiscência, pois, segundo Platão:

Se existe [...] um Belo, um Bom, e tudo o mais que tem a mesma espécie de realidade; se é essa realidade que relacionamos tudo o que provém dos sentidos, porque descobrimos que ela já existia, e que era nossa; se, enfim, à realidade em questão comparamos esses fenômenos – então, em virtude da mesma necessidade que fundamenta a existência de tudo isso, podemos concluir que nossa alma existia já antes do nascimento. Suponhamos, ao contrário, que tudo isso não existia. Não seria, então, pura perda o que estivemos a demonstrar? Não é desta forma que se apresenta a situação? Não há acaso uma igual necessidade de existência, tanto para esse mundo ideal, como também para nossas almas, mesmo antes de termos nascido, e a não-existência do primeiro termo não implica a não existência do segundo?<sup>88</sup>

Platão, então, desenvolve o terceiro argumento sobre a imortalidade da alma concluindo que ela se assemelha com as características das *idéias* quanto a sua

---

<sup>87</sup> Quando a alma entra em um corpo, ela esquece todo o conhecimento das realidades que já conhecera e, para aprender, terá que reativar tais conhecimentos por meio dos sentidos do corpo.

<sup>88</sup> Fédon, 76e.

natureza.<sup>89</sup> Para isso, faz um exame sobre a geração e corrupção dos seres e a distinção entre coisas simples e compostas.

Por um lado, constatamos que as coisas compostas mudam de natureza, são visíveis e somente são captadas pelos sentidos.<sup>90</sup> Por outro lado, existem os seres simples,<sup>91</sup> imutáveis, invisíveis e somente captados pela inteligência pura: o Belo em si, o Bom em si, o Igual em si e assim por diante.

Nesta perspectiva, o corpo se assemelhará mais ao sensível por ter uma natureza composta, visível e mutável, enquanto que a alma, por ser simples, invisível, imutável e só ser captada pelo pensamento se assemelhará mais ao inteligível – ao mundo das *idéias*. Assim sendo, a alma possui com o invisível mais semelhança do que o corpo, e o corpo mais semelhança com o visível do que a alma.<sup>92</sup> Ainda, quando o corpo e a alma estão juntos, a natureza impõe ao corpo que obedeça, e a alma que comande, sendo que cabe ao mortal obedecer e ao divino comandar, pois, “é ao que é divino, imortal e inteligível, ao que possui uma só forma e é indissolúvel e se mantém constante e igual a si mesmo, que a alma mais se assemelha”<sup>93</sup> porque “o corpo se desagrega com a morte, desaparece totalmente, enquanto que a alma vai para o *Hades*, mundo nobre, puro e invisível, reunir-se ao deus bom e sábio”.<sup>94</sup>

#### 4.5 O Argumento da Participação da Alma como Idéia de Vida

O último argumento em favor da imortalidade da alma, no *Fédon*, parte das objeções de Cebes e Símiás quanto ao futuro da alma. Platão afirma que a

---

<sup>89</sup> Segundo Paviani, se é verdade que o semelhante é conhecido pelo semelhante, é possível argumentar que a alma é imortal analisando suas propriedades. Cf. PAVIANI, 2001, p.159.

<sup>90</sup> A decomposição só ocorre naquilo que tem por natureza compor-se. Decompor-se significa ser instável, perder identidade e sofrer corrupção. Desse modo, ser composto significa ser mutável e pertencer ao mundo sensível. <sup>90</sup> Cf. Fédon, 78d.

<sup>91</sup> As coisas simples não sofrem decomposição, são incorruptíveis, estáveis e mantêm sempre a sua identidade

<sup>92</sup> Também, a alma quando usa o corpo, os sentidos, pode se tornar instável ao agir como se estivesse “embriagada, e quando considera apenas as coisas por si mesmas, no sentido puro, ela se mantém idêntica no modo de ser, é possível concluir que ela se assemelha ao que é divino, ao indissolúvel, e o corpo ao que é mortal e dissolúvel. Cf, PAVIANI, 2001, p. 159.

<sup>93</sup> Fédon, 80b.

<sup>94</sup> Ibid. 80d.

existência real do mundo das *Idéias* faz com que a alma participe da idéia de vida. Para chegar a esta conclusão, ele tem que relatar o seu percurso intelectual e a descoberta da “*segunda navegação*”.<sup>95</sup>

Pela boca de Sócrates, Platão constata que as soluções apresentadas pelos filósofos da natureza, especialmente em Anaxágoras, são insatisfatórias. Assim, narra a trajetória do seu itinerário intelectual falando do seu interesse desde a juventude, em encontrar a causa da geração e da corrupção de todas as coisas.

Segundo Platão:

Certo dia ouvi alguém que lia o livro de Anaxágoras. [...] “O espírito é o ordenador e a causa de todas as coisas”. [...] Nunca supus que depois de ele haver dito que o espírito os havia ordenado, ele pudesse dar-me outra causa além dessa que é a melhor e que é a que serve a cada uma em particular assim como o conjunto. [...] À medida que avançava e ia estudando mais e mais, notava que esse homem não fazia nenhum uso do espírito nem lhe atribuía papel algum como causa na ordem do universo, indo procurar tal causalidade no éter, no ar, na água e em muitas outras coisas absurdas! Parecia-me que ele se portava como um homem que dissesse que Sócrates faz tudo o que faz porque age com seu espírito; mas, que, em seguida, ao tentar descobrir as causas de tudo o que faço, dissesse que me acho sentado aqui porque meu corpo é formado de ossos e tendões, e os ossos são sólidos e separados uns dos outros por articulações, e os tendões contraem e distendem os membros, e os músculos circundam os ossos com as carnes, e a pele a tudo envolve! Articulando-se os ossos em suas articulações, e estendendo-se e contraindo-se, sou capaz de flexionar os meus membros, e por esse motivo é que estou sentado aqui, com os membros dobrados. [...] Mas, em realidade, jamais diria quais são as verdadeiras causas disso tudo.<sup>96</sup>

A teoria de Anaxágoras que parecia tão reveladora de início pecava pela confusão. Tal concepção sobre as causas de todas as coisas conduziu, então, Platão a uma nova investigação: o uso da inteligência pura que considera a *idéia*<sup>97</sup> como a verdadeira causa e, no qual, somente através dela podemos conhecer o ser em si.<sup>98</sup>

---

<sup>95</sup> A metáfora da *segunda navegação* é importante para a compreensão do mundo das causas e a relação existente entre a alma e o corpo, na medida em que a alma, na sua superioridade, se assemelha ao mundo das *idéias* e o corpo ao mundo sensível.

<sup>96</sup> Fédon, 97cd – 98ab.

<sup>97</sup> A *idéia* significa a essência, a forma interior ou a natureza específica da coisa. Cf. REALE, 2007, p.61.

<sup>98</sup> A causa primeira estaria no mundo das *idéias* de onde partiriam as almas portadoras do conhecimento. A causa estaria no mundo imutável, no plano dos primeiros princípios e *idéias*, em plena contemplação da *idéia*

Platão pressupõe que há a realidade de um Belo, um Bom, um Grande em si e por si mesmo como causa primeira e, que os objetos sensíveis, são imitações ou cópias imperfeitas dessas realidades em si através de uma *participação*.<sup>99</sup> Por exemplo, algo só é belo porque participa da idéia do Belo em si, também, algo só é justo porque participa da idéia de Justiça em si e assim por diante. Logo, para algo existir especificamente no mundo sensível é preciso que participe dessas realidades em si no mundo inteligível.<sup>100</sup>

A partir da premissa de que existem as idéias, o argumento que Platão utiliza para tentar provar que a alma é imortal, passa a ser o de que um contrário não admite outro contrário no mesmo ser<sup>101</sup>, ou seja, as idéias contrárias não podem combinar-se entre si e estar juntas, porque, enquanto contrárias, reciprocamente se excluem. Por conseqüência, as coisas sensíveis também não podem se combinar e permanecer juntas, na medida em que participam essencialmente de tais idéias, pois, quando uma idéia entra em determinada coisa, a idéia contrária que estava em tal coisa desaparece e cede o lugar.<sup>102</sup> Segundo Platão:

Penso que as coisas são corretas assim como as digo. A meu ver, não é apenas a Grandeza em si que jamais consente em ser a um tempo grande e pequena; também a Grandeza que existe em nós jamais acolhe a pequenez e muito menos aceita ser ultrapassada por ela. Pelo contrário, das duas uma: ou foge e bate em retirada quando o seu oposto, a pequenez, avança na sua direção ou, a este avanço, fica destruída; mas o que não admitirá é permanecer a pé firme e acolher a pequenez, para se tornar algo diverso daquilo que justamente era antes. E identicamente nenhum oposto, continuando a ser o que era antes, conseguirá em ser e tornar-se no seu oposto; numa tal circunstância, seguramente se afasta ou perece.<sup>103</sup>

---

do Bem, objetivo a ser alcançado pelas almas que cultivam a filosofia. Cf. REALE, Giovanni. **Para Uma Nova Interpretação de Platão**. São Paulo: Loyola, 2004, p.113.

<sup>99</sup> A participação determina "a natureza das coisas, que, sem serem contrárias, não admitem a presença de seu contrário". Cf. Fédon, 104e.

<sup>100</sup> Ibid. 101bc.

<sup>101</sup> O argumento parte do seguinte paradoxo: "Símias é menor que Fédon e maior que Sócrates". As relações sob as quais Símias se apresenta simultaneamente grande e pequeno servem de fundamento a uma série de distinções. Não são atribuídas a Símias, ao mesmo tempo, a grandeza e a pequenez, porque não é Símias que se compara a Sócrates e a Fédon, mas sua grandeza ou sua pequenez, ou seja, trata-se de propriedades acidentais que emergem na relação um com o outro. Cf. SANTOS, 1999, p.75.

<sup>102</sup> Não só a idéia de grande e a de pequeno não podem combinar entre si e claramente se excluem quando consideradas em si e por si, mas também o grande e o pequeno que estão nas coisas mutuamente se excluem; sobrevivendo um, o outro desaparece e cede o lugar. Cf. Ibid. p. 63.

<sup>103</sup> Fédon, 102e.

Platão, por outro lado, sustenta que o mesmo se constata não somente para os contrários em si, mas também para todas aquelas idéias e coisas que, mesmo não sendo contrárias entre si, tem em si os contrários com suas características essenciais. Por exemplo, não somente o quente e o frio se excluem, mas também *fogo e frio, neve e quente*.<sup>104</sup> Pois, segundo Reale,<sup>105</sup> a neve nunca admitirá em si a idéia do quente; ao sobrevir do quente, a neve deve dissolver-se e ceder o lugar, e ao sobrevir do frio o fogo deve apagar-se e ceder o lugar.

Outra constatação quanto ao mesmo argumento é com relação à aritmética. Não apenas existem ímpares e pares que, a princípio, são duas idéias, mas há igualmente números ímpares e números pares. O número três mantém sempre a característica de ímpar, embora não seja o ímpar propriamente dito. Isto se deve ao fato de que, também, são ímpares todos os outros números não pares. Portanto, não somente o *ímpar em si* e o *par em si* excluem-se reciprocamente, mas, igualmente o três e cada um dos números ímpares e o par em si, ou seja, a coisa que participa do ímpar e a idéia de par se excluem mutuamente.<sup>106</sup> Conforme Platão:

Desta forma, o que eu desejava propor era, portanto, que determinássemos a natureza dessas realidades que, sem serem contrários de um outro contrário, se recusam a receber este contrário. Por exemplo, o três, sem ser contrário ao par, nunca o aceita, precisamente porque traz sempre consigo o contrário do par; do mesmo modo acontece com a díade em relação ao ímpar, o fogo em relação ao frio e assim em muitíssimos outros exemplos. Pensa agora, e dize-me, Cebes, se tu aceitarias esta definição: não é somente o contrário que não recebe seu contrário, mas se uma coisa qualquer traz um contrário para todo objeto onde ela entra, jamais a coisa traz consigo o contrário da que nela existe. [...] O cinco não receberá em si a idéia do par; nem o dez, que é o dobro de cinco, admitirá a idéia do ímpar. Jamais o  $3/2$ , nem as outras frações do mesmo gênero, admitirão a idéia do inteiro; e o mesmo também com o  $1/3$  e as demais frações dessa espécie.<sup>107</sup>

---

<sup>104</sup> Jamais um contrário em si mesmo pode tornar-se o seu próprio contrário, quer consideremos este contrário em um sujeito quer consideremos na realidade absoluta de sua natureza. Mesmo que o fogo não se identifique pura e simplesmente com o quente, implica, porém, essencialmente o quente; ao aproximar-se do frio, não se torna fogo frio, mas se comporta exatamente como o quente: cede o lugar ou deixa de existir. Assim também a neve que, mesmo não tendo um contrário direto, participa essencialmente do frio, já que não existe neve quente. Não só *quente-frio* se excluem reciprocamente, mas também *fogo-frio* e *neve-quente*. Cf. SANTOS, 1999, p. 81.

<sup>105</sup> Cf. REALE, 2007, p. 188.

<sup>106</sup> O oposto indireto indica *o que contém em si o objeto*: ele obriga todo o objeto que ele ocupa a possuir em si não somente sua idéia, mas também a idéia de um determinado contrário ao contrário em questão. Cf. SANTOS, 1999, p. 88.

<sup>107</sup> Fédon, 104d-105a.

No Fédon, Platão segue o argumento<sup>108</sup> dizendo que a alma tem como marca essencial a idéia de vida, ou seja, é a alma que leva vida ao corpo e o mantém vivo.<sup>109</sup> Logo, na medida em que a morte é o contrário da vida, torna-se claro que a alma, tendo como marca essencial a idéia de vida, jamais admitirá em si a idéia de morte, sua contrária. Em vista disso, a alma é imortal porque, idéia de vida e idéia de morte, se excluem. O argumento é o seguinte:

Então responde-me se puderes: qual é a coisa que, entrando num corpo, o torna vivo?

-A alma.

-Mas é sempre assim?

-Como não!

-Portanto a alma, em toda coisa que ela tenha ocupado, sempre traz vida para essa coisa?

-Sempre traz vida!

-Existe um contrário da vida, ou não?

-Existe.

-Qual é?

- A morte.

-Não é verdade que a alma jamais aceitará o contrário do que ela sempre traz consigo?

-Decididamente!

- Como chamávamos há pouco ao que não acolhe a idéia do par?

- Ímpar.

-E ao que não acolhe o justo e ao que não admite o harmônico?

- Injusto e inarmônico, respondeu Cebes.

-Bem, e ao que não acolhe a morte, como chamaremos?

- Imortal!

- Assim, portanto, a alma não admite em si a morte?

- Sim, não admite.

- Logo, a alma é imortal?

-É imortal!<sup>110</sup>

---

<sup>108</sup> Existem duas respostas à questão de saber o que torna um corpo quente: a primeira, simples e segura, consiste em afirmar que o corpo é quente em virtude da *presença do calor*; a segunda, mais sutil e circunstanciada, consiste em dizer que a causa deste efeito é a *presença do fogo*. Este segundo tipo de resposta evoca aquela realidade que, mesmo não sendo uma determinada Idéia correspondente, essencial e necessariamente a inclui e a traz sempre consigo. Ibid., p.90.

<sup>109</sup> E isto, é ainda mais óbvio para um grego do que para nós já que, de um ponto de vista estritamente lingüístico, *psyché* lembra a noção de vida e, em muitos contextos, significa simplesmente Vida. Cf. REALE, 2007, p. 188.

<sup>110</sup> Fédon, 105d.

Dessa forma, a última prova fundamenta a dupla qualificação da alma ao afirmar sua imortalidade e indestrutibilidade<sup>111</sup> perante a morte, visto que, o conceito de imortalidade exclui o de destruição tornando, também, a alma, imperecível. Segundo Platão:

Se o imortal é também indestrutível, será impossível que a alma, quando a morte se aproxima, pereça [...] a alma nem aceitará a morte, nem ficará morta, da mesma forma como [...] nem o três será par, nem o ímpar será par, nem o fogo será frio, nem o calor no fogo será frio, e assim por diante. [...] Logo, quando a morte sobrevém ao homem, a sua parte mortal naturalmente morre, mas a outra que é imortal foge rápida, subsistindo intacta e sem corrupção, depois de ter cedido o lugar à morte.[...] Portanto, meu caro Cebes, a alma é, antes de tudo, uma realidade imortal e indestrutível, e nossas almas de fato não vão existir no Hades!<sup>112</sup>

Quando a morte se aproxima, o corpo se corrompe e a alma se retira escapando para outro lugar, o *Hades*. Segundo, Reale,<sup>113</sup> a alma, que pela sua essência implica vida e movimento,<sup>114</sup> não pode acolher a morte, sua contrária, porquanto, idéia de vida e idéia de morte se excluem mutuamente, isto porque, seria um total absurdo admitir a expressão *alma morta*, assim como admitir *fogo-frio* e *neve-quente*.

A alma é vida e dá vida e, logo, não pode corromper-se, devido a sua natureza, semelhante às *Idéias*.<sup>115</sup> A morte é apenas a do corpo e não provoca nenhum dano à alma, pelo contrário, conduz a alma para a verdadeira vida no mundo das *Idéias*, voltada para si mesma e sem obstáculos. Enfim, Platão prova racionalmente que a alma é imortal e contém a idéia de vida.

---

<sup>111</sup> A idéia de vida não tem contrário capaz de destruir a coisa que sempre dela participa. A ausência da vida é uma noção lógica, vazia de realidade ontológica. Por essa razão, não somente a idéia de vida é indestrutível, mas também a realidade que dela participa necessariamente. A alma jamais perderá sua participação essencial na vida cessando de existir, porque o não-ser nada pode contra o ser. Cf. SANTOS, 1999, p.100.

<sup>112</sup> Fédon, 106b.

<sup>113</sup> Cf. REALE, 2007, p.189.

<sup>114</sup> No Fedro, a imortalidade da alma é deduzida do conceito de *psyché* entendida como princípio de movimento, pois, vida significa dizer movimento; significa dizer que a alma é princípio de vida e, conseqüentemente, pelo fato de que tal movimento nunca pode cessar. Conforme Platão: “Todo corpo ao qual o movimento é comunicado de fora é um corpo sem alma, ao passo que todo corpo ao qual o movimento provém de dentro e a partir de si mesmo, é animado, como se essa fosse a essência da alma. E, assim é, que não há nada que se mova a si mesmo a não ser a alma, a alma será necessariamente ingênita e imortal.” Cf. PLATÃO, Fedro, 246a. apud REALE, 2007, p.190.

<sup>115</sup> A imortalidade da alma, desse modo, está condicionada à existência do mundo das idéias ao qual é semelhante.

## 5 CONCLUSÃO

Para Platão, a alma é a essência do homem. A *psyche* é semelhante às idéias eternas, na medida em que é imaterial, invisível, autônoma, divina e imortal. Tal convicção partiu da influência do orfismo e até dos filósofos da natureza. Logo, Platão partiu de uma abordagem mítico-religiosa para, racionalmente, provar que a alma é imortal.<sup>116</sup>

Além disso, Platão deu enorme destaque à purificação da alma por estar inserido nela, o interesse do homem pela sua elevação, pois, na purificação<sup>117</sup> consiste em: “Apartar o mais possível a alma do corpo, habituá-la a evitá-lo, a concentrar-se sobre si mesma”.<sup>118</sup>

Também, quanto à atitude do filósofo perante a morte e o cultivo da filosofia se evidencia que a função da filosofia descrita no *Fédon* é uma preparação para a morte. Segundo Platão a verdadeira ocupação do filósofo consiste em “aprender a morrer e preparar-se para a separação da alma do corpo.”<sup>119</sup>

Também verificamos que há uma oposição radical entre o corpo e a alma. Para Platão, a libertação da alma a coloca em companhia do que lhe é semelhante. Porém, o corpo é o abrigo de que a alma se utiliza para se purificar antes do retorno para o mundo das idéias.

A teoria das *idéias e a segunda navegação*, abordadas no *Fédon* de Platão, fundamentam a concepção platônica da imortalidade da alma, porque traduz a descoberta de um novo tipo de causa, que consiste nas realidades puramente inteligíveis.

A questão fundamental do *Fédon* é a imortalidade da alma. Sócrates expôs a seus amigos o motivo de seu destemor diante da morte através de argumentos

---

<sup>116</sup> A argumentação também leva em conta o conjunto de crenças e tradições que influenciam o pensamento de Platão.

<sup>117</sup> A morte é a libertação da alma e, portanto, não é senão o cumprimento de uma purificação.

<sup>118</sup> *Fédon*, 67cd.

<sup>119</sup> *Ibid.* 64ab.

racionais. Entretanto, constatamos que tais argumentos não são provas rigorosas, mas convicções em uma vida após a morte.<sup>120</sup>

Quanto à argumentação, vemos que o primeiro argumento pressupõe uma sucessão de contrários em todas as coisas, que mutuamente se geram e alternam. Assim, também a alma, na sua continuidade através do ciclo de vida e morte, se configura pela passagem de um estado para outro, na medida em que, se só existisse a morte e não o reviver, a natureza seria imperfeita.

Associado ao argumento dos contrários há o da reminiscência<sup>121</sup> atestando que todo conhecer é uma recordação que a alma realiza de conhecimentos contemplados no mundo *das Idéias*. A alma existia antes de se unir ao corpo, e, tal conhecimento adquirido antes não se perde no ciclo de vida e morte.

Quanto à natureza da alma, Platão diz que ela se assemelha com as características das *idéias*, enquanto, o corpo se assemelha mais ao *sensível*. A alma possui com o invisível mais semelhança do que o corpo, e o corpo mais semelhança com o visível do que a alma.

A existência do mundo das *Idéias* faz com que a alma participe da idéia de vida. Ao retomar o primeiro argumento sob outra perspectiva, Platão diz que um contrário não admite outro contrário no mesmo ser. Quando uma idéia entra em determinada coisa, a idéia contrária em tal coisa cede o lugar. Se a morte é o contrário da vida, é claro que a alma jamais admitirá em si a idéia de morte, sua contrária e, portanto, a alma é imortal.

Finalmente, nosso estudo demonstrou que o tema é relevante e inquietante. A abordagem de Platão sobre a imortalidade da alma ainda deixa questões abertas, pelo fato das provas terem sido acrescidas de convicções mítico-religiosas. Contudo, os argumentos, considerados por alguns pouco convincentes, retratam a capacidade dialética e genialidade de Platão por oferecer àqueles que buscam a verdade sobre tema tão complexo, tais como a morte e a existência da alma, certa esperança quanto ao destino do homem.

---

<sup>120</sup> Onde a razão não é mais capaz de conseguir êxito recorre-se à fé e à expressão através do mito

<sup>121</sup> A reminiscência se produz a partir dos objetos percebidos no *mundo sensível*.

## REFERÊNCIAS

- CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles, vol. 1.** 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CIRNE-LIMA, Carlos Roberto. **Dialética Para Principiantes.** Porto Alegre: Edipucrs, 1999.
- DROZ, Geneviève. **Os Mitos Platônicos.** Brasília: UnB, 1997.
- JAEGER, Werner. **Paidéia.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- JAPIASSÚ, Hilton. **Dicionário básico de Filosofia.** 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2006.
- PAVIANI, Jayme. **Filosofia e método em Platão.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- PLATÃO, **Fédon: sobre a imortalidade da alma.** São Paulo: Editora Nova Cultural. 2000.
- \_\_\_\_\_. **Diálogos: Fedro, Cartas, O Primeiro Alcibiádes.** Tradução de Carlos Alberto Nunnes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1975.
- \_\_\_\_\_. **Ménon. Tradução de Ernesto Rodrigues Gomes.** Lisboa: Edições Colibri, 1992.
- REALE, Giovanni. **História da filosofia Antiga.** Vol. I,2 ed. São Paulo: Loyola, 1993
- \_\_\_\_\_. **História da Filosofia Grega e Romana.** São Paulo: Loyola, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Para Uma Nova Interpretação de Platão.** São Paulo: Loyola, 2004.
- SANTOS, Bento Silva. (O.S.B) **A Imortalidade da Alma no Fédon de Platão: Coerência e Legitimidade do Argumento Final.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Antropologia Filosófica I.** São Paulo: Loyola, 1991.